

## **BRASIL – MOÇAMBIQUE, AFIRMANDO SINERGIA E RECONSTRUINDO IDENTIDADES PELA EXPERIÊNCIA DE EXTENSÃO INTERNACIONAL ENTRE A UFRN E A UNIVERSIDADE PEDAGÓGICA DE MOÇAMBIQUE**

Marília do Vale Góis Pacheco Medeiros; Adir Luiz Ferreira.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE - [mariliavgpm@ufrn.edu.br](mailto:mariliavgpm@ufrn.edu.br) ; [adir1fer@gmail.com](mailto:adir1fer@gmail.com).

### **Resumo:**

Por reconhecermos o caráter sensível e fundamental da extensão universitária no seu papel social, ético, científico e educativo como função da Universidade, desejamos difundir a experiência pioneira de internacionalização da extensão na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), pela ação “Trilhas Potiguares Brasil-Moçambique”, realizada entre os dias 30 de outubro e 03 de novembro de 2017, em Moçambique, na África. A parceria feita entre a UFRN e a Universidade Pedagógica de Moçambique (UP), delegação Maxixe, contou com alunos e professores de ambos os continentes. Temos como objetivo refletir sobre o papel pedagógico dessa experiência na construção de uma ação afirmativa, ressaltando seu peso para o engajamento dos participantes em suas ações acadêmicas, profissionais, e sociais. Além de um relato das ações desenvolvidas, acrescentamos uma entrevista semiestruturada com alguns dos seus integrantes, buscando saber, na opinião deles, o que havia sido mais marcante e o que foi transformador. Ficou claro o papel educativo que a UFRN e a UP, delegação Maxixe, assumiram na expedição Trilhas Brasil-Moçambique. Percebemos que as universidades, ao proporcionarem com essa viagem uma experiência inovadora aos professores e estudantes, acabaram realizando objetivos da Educação Superior, algumas vezes vistos como “utópicos” e também realizando uma ação afirmativa. Por fim, surgiu uma nova perspectiva de fazer extensão universitária na UP, bem como na UFRN, vinda do aprendizado cooperativo de uns com os outros, edificando um futuro que ainda não está dado, mas que é criado por eles próprios.

### **Palavras-chave:**

Extensão Universitária. Extensão Internacional. Ação Afirmativa.

## **INTRODUÇÃO**

*“Deixa passar o meu povo...”* (Noémia de Souza, poetisa moçambicana).

Ao promover o ensino, a pesquisa e a extensão, a Universidade busca cumprir de forma integral com o esperado para a Educação Superior (ES), de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Nessa tríade, porém, não há uma equivalência de prestígio social entre elas, estando a extensão muitas vezes à margem da valorização e do reconhecimento de seu papel nos processos de ensino-aprendizagem no ambiente universitário.

Apesar disso, a extensão assume um papel ímpar e indispensável no alcance de finalidades essenciais da ES, as quais estão firmadas no Art. 43 da LDB nos incisos I, IV, V, VI, VII e VIII (BRASIL, p. 32-33 2017), como o estímulo à criação cultural e ao desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo; a promoção e a divulgação

de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem o patrimônio da humanidade, através de diversas formas de comunicação; o reforço do desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional; o estímulo ao conhecimento dos problemas do mundo presente, em especial os nacionais e regionais e à prestação de serviços especializados à comunidade numa relação de reciprocidade; a própria promoção da extensão aberta à população visando à difusão das conquistas e benefícios provenientes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica; e a atuação em favor da universalização e aprimoramento da educação básica mediante atividades de extensão universitária que aproximem os dois níveis escolares.

Por reconhecer, portanto, esse caráter sensível e fundamental da extensão universitária no papel social, ético, científico e educativo da Universidade, é que desejamos difundir através deste trabalho a experiência pioneira de internacionalização da extensão na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), pela ação “Trilhas Potiguanas Brasil-Moçambique”, a qual foi realizada entre os dias 30 de outubro e 03 de novembro de 2017, em Maxixe, Moçambique.

Nessa experiência tão vasta e rica, optamos por um recorte de aspectos educacionais ligados à vivência da experiência como uma ação afirmativa. Objetivamos, portanto, através da experiência pioneira de extensão internacional da UFRN, refletir sobre o papel pedagógico da experiência na construção de uma ação afirmativa, ressaltando seu peso para o engajamento dos indivíduos em suas ações acadêmicas, profissionais, e sociais. Ao fazermos essas escolhas, compreendemos que a extensão pode integrar-se em um princípio de aprendizagem (SÍVERS, 2013) e que ações afirmativas estão ligadas à superação de desigualdades (GOMES, 2010), sejam num plano mais abrangente ou mais restrito e até mesmo individual.

No tocante à extensão, ela é vista, até em documentos apoiados pela Unesco, como um elemento inerente ao projeto institucional e como possibilidade de aprendizagem (SÍVERES et al., 2013). Essa possibilidade é especialmente única, pois é na extensão que as experiências “[...] transbordam a estrutura cronológica e possibilitam tempos alternativos de aprendizagem” (SÍVERES et al., p. 29, 2013), considerando “[...] as comunidades locais, as organizações sociais ou as regiões culturais como lugares alternativos, complementares e amplificadores [desse] processo de aprendizagem” (SÍVERES et al., p. 29-30, 2013). Síveres et al. (2013) ainda apontam que as vivências da extensão abrem portas para construção de conhecimentos mais criativos e inovadores, mais humanos e conectados com a realidade do mundo em suas complexidades.

Nesse sentido, a atividade de extensão universitária internacional desenvolvida numa parceria entre a UFRN e a Universidade Pedagógica de Moçambique (UP) - delegação de Maxixe, em escolas de Educação Básica moçambicanas, assume uma dimensão grandiosa e profunda, por seu marco histórico na UFRN e pelo contato entre povos cujas culturas estão marcadas pelas histórias que se misturam, desde o período colonial no séc. XVI e a trágica herança da escravidão, pela ancestralidade e pela identificação étnica, cultural e humana.

Assumindo as contradições e conflitos dessa história controversa entre o continente africano e a América portuguesa, com o conhecimento crítico atual perante tudo isso, apresentaremos um breve relato da experiência e traremos falas de professores, estudantes e coordenadores dessa atividade, para discuti-la.

## **METODOLOGIA**

Nesta seção relataremos brevemente as atividades realizadas no Trilhas Brasil-Moçambique, refletindo um pouco sobre nossas impressões e apresentaremos a estrutura da entrevista que fizemos com alguns participantes. Utilizaremos os seus nomes reais (com autorização) a fim de poder registrar, as pessoas que tornaram realidade o sonho da internacionalização da extensão universitária na UFRN e na UP Unidade Maxixe.

O ponto de partida das experiências e dos encontros do Trilhas Brasil-Moçambique firmou-se ainda com os membros da equipe de 30 trilheiros, brasileiros e moçambicanos, em seus respectivos continentes, fazendo reuniões de planejamento através de videoconferências. Entretanto, apenas depois de horas de voo dos brasileiros e cerca de 10h de estrada num “machimbombo” (ônibus) entre a capital Maputo e a cidade de Maxixe, localizada na província de Inhambane, é que pudemos dar início às atividades previstas.

Ao longo da estrada observamos diferentes paisagens e importantes características naturais e sociais as quais eram distintas e particulares com relação às brasileiras, mas, ao mesmo tempo, muito semelhantes. A sensação de identificação, apesar de se tratar de outro continente, era praticamente unânime entre nós brasileiros.

Ao todo, éramos 30 trilheiros: brasileiros, moçambicanos e um espanhol. Do Brasil foram 12 estudantes coordenados pela professora Eriama Hackradt – coordenadora adjunta do programa Trilhas Potiguares – e pelo professor Fransualdo Azevedo. Do lado moçambicano, foram 15 trilheiros, 9 estudantes e 6 professores, coordenados pelos professores Joaquim Chitata e Alberto Matte. O espanhol que nos acompanhava era o professor Marti Boneta I Carrera, do Consejería de Educación de la Generalitat de Catalunya. Ele foi um dos palestrantes da Conferência Internacional sobre Personalismo, realizada pela UP Maxixe, ao

fim da semana de atividades do Trilhas. Entretanto, o professor Marti acompanhou todas as atividades da extensão e foi um trilheiro junto conosco.

No primeiro dia de atividades externas, na segunda feira 30 de outubro de 2017, fomos para o distrito de Inharrime, onde, de fato, desenvolvemos as atividades em área urbana e rural. Nesse primeiro dia tivemos um momento de conversa com os líderes comunitários, sobre temas por eles demandados, como a prevenção da malária, o suicídio e os desastres ambientais. Para o início dessas conversas, o prefeito do distrito fez-se presente, com forte autoridade na comunidade, e falou da importância dessas ações para o desenvolvimento local, apostando na presença brasileira e no trabalho conjunto para o progresso e desenvolvimento regional. Uma emissora nacional de televisão fazia a cobertura do evento enquanto as autoridades falavam, o que evidenciou ainda mais a importância da realização do Trilhas naquela localidade. Na finalização dos encontros com as lideranças comunitárias e distritais, com a apresentação de danças de músicas, na mistura das duas culturas, vivenciamos momentos informais tão importante e formativo quanto o formal.

As demais atividades com a comunidade externa foram desenvolvidas em três escolas, duas em área urbana e uma na rural. Na primeira em que fomos, o público de alunos era de adolescentes e realizamos com eles atividades nas áreas de lazer, esporte, cultura e saúde. Já com os professores, fizemos conversas formativas buscando conhecer a realidade do trabalho desenvolvido, para que pudéssemos pensar nas diferentes alternativas de melhoria e potencialização das atividades docentes a partir de trocas de conhecimentos teóricos e práticos. A segunda escola que visitamos, apesar de ser um estabelecimento público, pois era gerida por uma instituição religiosa, com caráter filantrópico, fazendo do seu espaço também um internato para crianças órfãs e economicamente muito carentes. Lá nos relacionamos com um público de idade menor e, além das atividades já desenvolvidas na escola anterior, realizamos leituras, contação de histórias e brincadeiras típicas com grupos de crianças. A última escola visitada foi na zona rural, na comunidade chamada Chacane, onde, para além das ações planejadas, vivenciamos um momento muito marcante para todos os integrantes, de apreciação e participação de uma apresentação cultural de música e dança de um grupo típico regional, *Ngaranga e Timbila*. Nessa escola, em especial, nas conversas formativas com os professores vimos que preocupavam-se com as estratégias de relacionamento da escola com a família e a comunidade, discutindo as dificuldades das famílias apoiarem a escolarização das crianças em detrimento do trabalho.

As últimas atividades das quais nós trilheiros participamos foram as da Conferência Internacional sobre Personalismo, realizada na UP unidade Maxixe, com a finalidade de

discutir o personalismo na perspectiva pluridimensional, pensando, a partir de diversos tópicos, a humanização da ciência em prol do desenvolvimento integral da pessoa. A conferência contava com participantes de diversos países e entre os palestrantes estavam presente personalidades como o professor doutor e filósofo camaronês Fabien Eboussi Boulaga e a escritora moçambicana Paulina Chiziane.

Para enriquecer o entendimento desta experiência, fizemos uma breve entrevista semiestruturada com alguns participantes, com apenas duas questões: 1) *qual aspecto foi mais marcante, ou quais aspectos foram mais marcantes ao longo da experiência do Trilhas Brasil Moçambique?* ; 2) *ao voltar para “a vida real”, você avalia que essa experiência do Trilhas internacional te transformou de alguma forma, seja no âmbito profissional, acadêmico, social, pessoal? Se sim, como?*

Entrevistamos seis participantes: o Pró-reitor adjunto de extensão da UFRN; os coordenadores brasileiros e moçambicanos e duas estudantes, uma brasileira e outra moçambicana.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Pensar os resultados da experiência do Trilhas Brasil-Moçambique é exercício que exige de nós plena consciência de nossa limitação espacial e temporal para perceber os efeitos que essa ação pode gerar. Afinal os maiores resultados das ações de extensão são melhores vistos a longo prazo, nas transformações de vida daqueles que participaram das ações e foram profundamente marcados por elas.

Não obstante, as marcas do contato entre Brasil e Moçambique, a partir da extensão universitária, não foram apenas inéditas na vida daqueles que experienciaram a ação, mas também foram descobertas. A sensação de difícil explicação racional de não nos sentirmos num lugar tão estrangeiro ou distante quanto a localização geográfica faz-nos acreditar ser, pode ser marcada (a partir de uma perspectiva da teoria de Merleau-Ponty) pela historicidade dos nossos corpos (NÓBREGA, 2010). Afinal, “A experiência do corpo configura um conhecimento sensível sobre o mundo” (NÓBREGA, 2010, p. 8) e esse conhecimento, não diferente dos demais, é construído numa dialética existencial junto ao outro. E o outro que em muito nos formou, que fortemente está na nossa (brasileira) ancestralidade e no nosso (moçambicano e brasileiro) imaginário é o outro negro e africano, o outro brasileiro e além mar. Como, portanto, não nos reconhecermos se somos fruto de nossa história, de outros corpos brasileiros e moçambicanos, ativos e imaginantes?

Assim, entre o útil e o significativo, entre as diferentes experiências anteriores individuais e a percepção do Trilhas Brasil-Moçambique, ficou evidente para nós, que nesse meio ambiente universitário de estudo e aprendizagem, cujas fronteiras foram completamente ultrapassadas, “[...] os processos sociais e individuais se misturam, entram em interação e se transformam” (PAIVANDI, 2014, p. 41).

Nessa lógica, quando esses pólos ora antagônicos, ora amistosos, aproximam-se cada vez mais, constrói-se, segundo Freire (1997), o diálogo. E é exatamente no diálogo que o educando e o educador abrigam-se na ação educativa, educando e sendo educado, mutuamente, expressando no dialogar o amor ao mundo e aos seres humanos, o que é pressuposto ao diálogo (FREIRE, 1983).

Ainda sob esse prisma, é possível pensarmos o diálogo como elemento necessário à construção democrática, cidadã e ética de diferenças e responsabilidades coletivas. Ao buscarem o diálogo através do intercâmbio, ambas universidades fizeram o Trilhas Brasil-Moçambique ser uma ação afirmativa, tendo em vista que esta buscou a “[...] superação de desigualdades que atingem historicamente [um determinado grupo social], a saber: negros” (GOMES, 2010, p. 20), considerando que essa desigualdade não acontece apenas no Brasil e reverbera mesmo numa população majoritariamente negra, como a moçambicana.

Percebemos que nesse sentido, os ideais e estereótipos confrontados, isto é, o mútuo olhar, do que é o povo moçambicano para os brasileiros e do que é o povo brasileiro para os moçambicanos, puderam ser revisitados e, de alguma forma, modificados. As identidades sociais, apesar de serem muito fortes, “As ciências sociais têm demonstrado que não existem identidades sociais fixas, atemporais. Toda identidade é construída social e historicamente” (SANTOS, 2010, p. 35).

Sendo assim, olhar o mar pisando na terra onde habitavam seres humanos livres, ao invés de pensar na terra onde esses seres humanos saíram escravizados; observar a dor das marcas eternas que a escravidão deixou; sentir a carga de esperança posta em nós, vindos de além-mar, para a construção de um mundo melhor; enxergar a força da mulher para a edificação de um país e de um povo e, ao mesmo tempo, perceber estruturas profundas e fortemente alicerçadas de machismo no mundo; conhecer arranjos políticos cujos poderes são mais incisivos e visíveis do que conhecemos em nosso país; ver relações de trabalho e fenômenos de comunicação que se constituem como ilustrações das forças geopolíticas da globalização; e, especialmente, vivenciar a alegria e a gana de um povo tão subestimado pela história contada em nossa escolarização, mas que tem tanto a ensinar, seja na fé, na cultura, nas artes ou na ciência, foi uma experiência educacional com limites inimagináveis em sua

extensão. E o que os estudantes e professores viveram e compreenderam é inseparável de como eles viveram, compreenderam e organizaram no ato de aprender (PAIVANDI, 2014, p. 42).

Tendo tudo isso em vista, ficou claro o papel educativo que a UFRN e a UP, delegação Maxixe, assumiram na expedição Trilhas Brasil-Moçambique. As universidades construíram um espaço de formação de cidadãos do Brasil, de Moçambique e do mundo; educando pessoas.

Nessa perspectiva, notamos que os trilheiros construíram juntos sementes e fizeram-se sementes do saber e da transformação social. Afinal, os seres humanos se humanizam e se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo (FREIRE, 1983; 1997). E exatamente por isso avaliamos ser importante ouvir a voz dos sujeitos participantes da experiência, que cremos terem sido marcados e transformados por essa vivência coletiva.

Relembraremos as questões feitas aos entrevistados antes de apresentar os seus resultados e analisá-los: qual aspecto foi mais marcante, ou quais aspectos foram mais marcantes ao longo da experiência do Trilhas Brasil Moçambique? (1); ao voltar para “a vida real”, você avalia que essa experiência do Trilhas internacional te transformou de alguma forma, seja no âmbito profissional, acadêmico, social, pessoal? Se sim, como? (2).

Para Breno Cabral, pró-reitor de extensão da UFRN, dentre os aspectos mais marcantes está a possibilidade de oferecer aos alunos da UFRN a vivência numa cultura completamente diferente (entendendo cultura no seu sentido mais amplo possível) e oferecer, a partir de nossa cultura, novas possibilidades aos moçambicanos. Sendo assim, é marcante para Breno:

[...] o que a gente conseguiu levar pra eles de possibilidades de vislumbrar um futuro diferente, de conseguirem entender que o mundo pode ser melhor pra eles em termos de construção, de evolução, de evolução de país, de evolução das cidade, de evolução profissional. (BRENO CABRAL)

Nesse sentido, Breno acredita que todos aqueles que passaram pela vivência, especialmente os estudantes, voltaram efetivamente transformados, e isso o toca e gera nele uma grande satisfação. Não obstante, de modo mais particular, Breno aponta que sua visão de mundo transformou-se no tocante à forma de encarar as dificuldades.

[...] muitas vezes a gente reclama dos obstáculos e não para pra pensar que existem pessoas que fazem tanto com obstáculos tão maiores. (BRENO CABRAL)

Como pró-reitor e coordenador geral do programa Trilhas Potiguaras, Breno ainda aponta transformações substanciais na forma de pensar e organizar o programa, a partir da experiência em Moçambique.

[...] é focar nisso: não só levar ações prontas, mas tentar fazer as pessoas perceberem que elas podem sair daquela inércia em que estão colocadas, da situação em que estão colocadas. Esse vai ser um ponto fundamental, assim, pro Trilhas daqui pra frente. (BRENO CABRAL)

Para Erima Hackradt, coordenadora adjunta do programa Trilhas Potiguaras e coordenadora das ações em Moçambique, a interação entre os países, estudantes e professores de diferentes culturas foi o aspecto mais marcante de toda a experiência. E no que diz respeito ao efeito transformador da experiência ela afirma:

Pra mim serviu como renovação da vida, foi uma experiência [...] única, passamos a ver a vida de outra forma e ter um olhar com mais respeito ao outro e saber que somos pessoas felizes. (ERIAMA HACKRADT)

Para Fransualdo Azevedo, professor precursor da parceria entre as universidades, dentre os aspectos que mais marcaram estão, a coesão e o entrosamento do grupo de trilheiros moçambicanos e brasileiros, professores e alunos; a receptividade e o esforço de acolhimento da UP delegação Maxixe com todos os brasileiros; a própria relação com as comunidades, com as escolas, de intensa troca e interação; e a relevância da proposta do projeto em si.

[...] em algumas comunidades, pela primeira vez a universidade se fez presente ali, pela primeira vez a Universidade esteve ali, pela primeira vez a Universidade buscou saber quem são aquelas pessoas, como elas vivem, como estudam, como elas trabalham, como elas celebram, como elas cantam, como elas dançam, como elas constroem a vida, como elas constroem os territórios. (FRANSUALDO AZEVEDO)

A respeito das transformações vividas a partir do Trilhas Brasil-Moçambique, Fransualdo, por acreditar que o ser humano está em constante transformação, avalia que a experiência foi mais um passo na sua história de crescimento e melhoria pessoal: *uma dose a mais de sensibilidade, uma dose a mais de experiência, uma dose a mais de humanismo. É uma melhoria a mais na condição de humano que sou (Fransualdo Azevedo).*

Para o professor Alberto Matte, coordenador das ações do Trilhas na UP delegação Maxixe, o aspecto mais marcante foi vivenciado no momento de uma apresentação cultural na escola de uma comunidade rural chamada Chacane.

Aquele foi um momento bastante significativo, porque eu percebi que, de facto, as artes, a cultura não têm limitações fronteiriças e podem mesmo tocar o fundo da alma, mesmo para uma pessoa que não pertença à mesma cultura. (ALBERTO MATTE)

Depois da execução do Trilhas Brasil-Moçambique, Alberto Matte acredita ter mudado, especialmente o seu olhar para as questões sociais.

A experiência do Trilhas transformou, praticamente, toda a minha vida. A forma como eu encaro hoje as pessoas que estão numa condição social desfavorecida e que têm todo tipo de limitação não é mais a mesma, porque uma coisa é saber que existem pessoas pobres, pessoas que passam dificuldades, a outra coisa é conviver com essas pessoas e perceber que essas pessoas têm vontade de superar as dificuldades. (ALBERTO MATTE)

Nesse sentido, o coordenador crê que a experiência prática do Trilhas pode alimentar mais a esperança das pessoas no amanhã. E isso se reflete, até mesmo, em suas perspectivas.

A experiência do Trilhas só reforçou este meu sentimento de preocupação com as questões sociais. Isso ampliou mais o meu senso de preocupação, de participação social e nasce uma necessidade de uma maior intervenção para além daquilo que eu vinha fazendo, claro. (ALBERTO MATTE)

Para o professor Joaquim Chitata, que coordenou o Trilhas em Moçambique junto ao Alberto Matte, os expoentes dos aspectos marcantes da experiência estão na relação entre os professores e alunos, completamente fora da lógica de rígidas hierarquias; no intercâmbio cultural e o contato com outros professores e estudantes; e na postura aberta a ensinar e aprender, de muitos trilheiros. Segundo suas palavras, acreditava que *tenha tido alguma transformação principalmente porque, bom, estive em contacto com pessoas, estudantes, professores, de outro canto do mundo* (Joaquim Chitata).

Observando a perspectiva dos estudantes, conversamos com duas alunas, uma brasileira e outra moçambicana, sobre as mesmas questões. Para Daisy Sotero, estudante de Farmácia, os aspectos mais marcantes foram o contato com uma criança específica, da segunda escola que visitamos, com quem, segundo ela, pode conhecer “uma curiosidade, uma esperança e uma vontade enorme de vencer”. Também foi marcante para ela a experiência em Xai-Xai, um pequeno distrito da região, que considerou como *um povo muito acolhedor humilde, que nos inspiraram a fazer um trabalho ainda melhor*. Assim, ela interpretou que não apenas durante o processo a experiência era motivadora e transformadora, mas também entende que tudo o que viveu reverbera até hoje em seu dia a dia e ainda aponta novas perspectivas.

As experiências me tornaram uma pessoa melhor, e me fizeram ver mais ainda como vale a pena lutar por uma causa e pelo bem comum. Me fez sentir útil, feliz e ainda mais realizada em minha vida. O trilhas tornou-se para mim um testemunho, que por onde passo tento deixar marcas através de histórias e momentos vivenciados. (DAISY SOTERO)

A fim de finalizar a exposição das falas e partirmos para uma breve análise geral, trazemos a voz da Suneila Novela, estudante do curso de Letras Inglês da UP delegação Maxixe. Para Suneila, os aspectos mais marcantes foram a própria essência da atividade e o

seu forte caráter de intercâmbio cultural; a ida à primeira escola, onde começaram as atividades; e a vivência de Chacane, onde através da apresentação artística de música e dança pudemos viver momentos de intensa emoção.

Suneila entende que as atividades e ações formais do Trilhas acabaram, mas que o Trilhas não acabou. Ela avalia que muitas coisas se transformaram a partir dessa experiência.

O Trilhas mudou não só na forma como as pessoas passaram a me ver, mas pela forma como eu mesma passei a me ver. Eu me senti uma pessoa muito importante pra sociedade, porque que tenho essa capacidade, eu senti que eu tenho essa capacidade de ensinar alguém. (SUNEILA NOVELA)

Diante, então, desses depoimentos, percebemos uma comum valorização dos momentos de socialização durante toda a experiência do Trilhas Brasil-Moçambique. E, nesse sentido, também percebemos que como ação afirmativa a vivência internacional foi muito genuína, uma vez que um grupo historicamente desigual pôde ser sujeito histórico de uma ação transformadora.

Pudemos ver nas falas dos entrevistados mudanças de perspectiva sobre o mundo e sobre si, anseios de aperfeiçoamento e ampliação do engajamento social, seja no âmbito pessoal ou institucional, todas essas coisas inebriadas pela força motriz de renovação, de ressocialização e de reconstrução coletiva do mundo que vem das relações entre seres humanos; como já nos indicaram Freire (1983; 1997).

## **CONCLUSÕES**

Perante todas as experiências e falas, diante de todos os significados, temos plena consciência das limitações deste trabalho. Não obstante, sabemos também que o tempo é pequeno para vermos resultados mais concretos e que este esforço de escrita é válido, necessário e elemento de compromisso com as universidades, com as comunidades e com as pessoas.

Enxergamos que o papel do Trilhas Brasil-Moçambique foi singular na construção de uma ação afirmativa engajada e inovadora; impulsionando ainda o engajamento das pessoas na participação social, seja na Universidade ou fora dela.

Percebemos que a UFRN e a UP, delegação Maxixe, ao proporcionarem essa viagem e experiência aos professores e estudantes, acabavam por proporcionar a esses uma construção e formação integral humana, e assim realizavam aqueles objetivos da universidade, como instituição, algumas vezes vistos como “utópicos”. Por fim, perceber a construção de uma nova forma de fazer extensão universitária na UP, bem como na UFRN, mesmo depois de 21

anos do programa Trilhas Potiguares, foi possível perceber o trabalho de seres humanos aprendendo uns com os outros, edificando um futuro que ainda não está dado, mas que é criado por eles próprios.

Um futuro que hoje é traçado em parceria com a terra de um povo que em muito contribuiu para a construção do Brasil. Um futuro construído com mais igualdade, com mais solidariedade, identidade e paz. Um singular e imensurável gesto que a educação e as ações das universidades podem fazer pela constante construção de uma identidade humana.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. *LDB: Lei de diretrizes e bases da educação nacional*. Brasília : Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 57. ed. rev. e anual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. Papel da educação na humanização. *Revista da FAEEBA*, Salvador. Jan.-jun., 1997 (p. 9-17).

NÓBREGA, T.P. da. **Merleau-Ponty**: o filósofo, o corpo e o mundo de toda a gente!

Retirado em 04/08/2010, no World Wide Web: <http://www.cbce.org.br/cd/resumos/129.pdf>.

PAIVANDI, Saeed. A relação com o aprender na universidade e o ambiente de estudos. *Educação em Questão*, Natal, v. 48, n. 34, p. 39-64, jan./abr., 2014.

SÍVERES, Luiz et al (Org.). *A Extensão universitária como um princípio de aprendizagem*.

Brasília: Liber Livro, 2013. 272 p. Disponível em:

<<http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002320/232083por.pdf>>. Acesso em: 16 mar. 2018.

GOMES, Nilma Lino. Educação, relações étnico-raciais e a Lei nº 10.639/03:: breves reflexões. In: BRANDÃO, Ana Paula et al (Org.). **Modos de fazer ::** caderno de atividades, saberes e fazeres. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010. p. 19-26.

SANTOS, Nilma Lino. Preto, pardo, negro, afrodescendente: as muitas faces da negritude brasileira. In: BRANDÃO, Ana Paula et al (Org.). **Modos de fazer** :: caderno de atividades, saberes e fazeres. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010. p. 19-26.